



VIOÊNCIA DE GÊNERO E MASCULINIDADES NO SUAS

Ricardo Bortoli¹

Resumo

O objetivo deste artigo é problematizar elementos com relação a violência de gênero e masculinidades no Sistema Único de Assistência Social - SUAS a partir da experiência do assistente social com homens autores de agressão atendimentos no Centro de Referência Especializado em Assistência Social através do Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos no município de Blumenau/SC. Neste sentido caracterizar-se-á um breve perfil destes homens que frequentaram o Serviço de Atendimento as Famílias em Situação de Violência e posteriormente o PAEFI, afim de buscar algumas respostas para o entendimento da violência de gênero.

Palavras-Chave: Violência; Gênero; Masculinidade; Sistema Único de Assistência Social.

1 INTRODUÇÃO

Com o propósito de contribuir na reflexão e no debate sobre violência de gênero e masculinidade no Sistema Único de Assistência Social - SUAS, nos remete problematizar: Quem são os homens autores de agressão? Como são vistos e narrados nos serviços de atendimento? Que idades possuem? São casados? São usuários de álcool ou drogas? Que tipo de violência eles cometem? Como são narrados pelos outros? Quem os constitui como agressores? Quando passam a ser constituídos como agressores? Eles se consideram usuários de substâncias psicoativas (SPAs)? Interessa ouvir os homens, no sentido de complexificar o conhecimento sobre o fenômeno da violência de gênero. Que lugar ocupa o homem nos diversos contextos, como pai, marido, trabalhador, autor de agressão?

São essas algumas das questões que fazem pensar a violência de gênero como um processo que vai além de como este homem se constitui como autor de violência.

Apesar da complexidade do tema e de suas inúmeras determinações num contexto de intensas transformações, nos desafiamos a construir esse artigo a fim de contribuir para a produção do serviço social e para o processo de (re) organização dos serviços ofertados pela Política de Assistência Social no âmbito do Sistema Único de Assistência Social - SUAS, processo esse em implementação em todo território nacional.

Para alcançar o objetivo proposto, inicialmente, realizamos uma reflexão sobre violência de gênero e masculinidades, política de assistência social e em seguida apresentamos e analisamos a caracterização dos homens autores de agressão atendimentos no Serviço de proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos – PAEFI no município de Blumenau/SC. Finaliza-se com algumas considerações e referências que auxiliam compreender a temática.

Com base, nesta perspectiva, a exploração e os procedimentos técnicos do objeto dar-se-ão através de análises e estudos aos prontuários do Programa de Prevenção e Combate a Violência Doméstica e Intrafamiliar durante os anos de 2004 a 2012 no município de Blumenau/SC e da descrição constante nos Boletins de Ocorrência.

Utilizamos como fontes de informação a documentação, dos homens a serem estudados nesta pesquisa, utilizando de pesquisa documental, quando elaborada a partir de materiais que não receberam tratamento analítico. Juntamente, com estes procedimentos citados, utilizamos materiais produzidos sobre o tema para embasamento teórico que é pesquisa bibliográfica.

O universo da pesquisa compreendeu os prontuários de atendimentos de 125 homens que participaram das atividades do grupo entre junho de 2004 – quando se iniciaram as atividades com o grupo de homens – a junho de 2012. Este material do levantamento nos

¹ ninobortoli@hotmail.com.



permite ter a compreensão das características destes homens, no contexto onde estão inseridos.

Para a caracterização do perfil dos homens, procuramos identificar a idade, profissão, escolaridade, se possuem história de dependência química, que tipo de droga utilizam ou que tipo de SPA, se eram casados no momento em que foram atendidos ou se estavam separados, qual era o estado civil quando foram desligados do programa ou, se ainda continuam em atendimento, qual o estado civil atual e qual o tipo de violência cometido por eles, relatada nos Boletins de Ocorrência ou nos prontuários de atendimentos. Nestes documentos constam informações sobre o atendimento prestado à família a partir do Serviço de Atendimento as Famílias em Situação de Violência - PPVCDI, o relato formulado no ato da denúncia, além de outros dados que permitiram traçar um rápido perfil da violência relatada pela companheira (ou ex-companheira) nos serviços de atendimento (delegacias, casa abrigo) por onde ela passou.

2 DESENVOLVIMENTO - VIOLÊNCIA DE GÊNERO E MASCULINIDADES

O fenômeno da violência de gênero traz conteúdos complexos, nos quais estão envolvidas algumas tensões de ordem teórica, já que existem diversas maneiras de olhar este fenômeno. Segundo Saffioti (2004), a violência de gênero estaria mais conectada às abordagens que vêem a mulher como vítima e o homem como agressor, numa perspectiva ancorada pelo patriarcado. Em contrapartida, numa perspectiva diferente, conceitua-se a violência de gênero como uma abordagem relacional utilizada por Grossi (1991), Gregori (1993), Machado e Magalhaes (1998), Izumino e Santos (2005), Debert e Gregori (2008).

Para estas autoras, as violências produzem uma dimensão relacional, por isso, citam Foucault, e sua análise de como estas violências estão longe de serem resolvidas pela esfera jurídica. Sendo assim, é importante visibilizar que existem posições de gênero que foram demarcadas ou legitimadas socialmente, no entanto, estas são construções que não podem ser tomadas como fixas, nem comparadas universalmente, ainda que a violência de gênero possa ser encontrada em quase todos os grupos humanos, ganhando conotações e requintes tais, que eliminam qualquer possibilidade de igualdade no contexto do efeito de sua constituição. São efeitos de um processo que as constituiu.

As violências, assim, aparecem, porque são constituídas por tecnologias de linguagens, rituais, discursos e estereótipos que as geram e as inserem em sistemas de utilidade, para fazer funcionar certos aspectos sob um padrão considerado adequado, por vezes útil, e quase sempre excludente e cerceador das experiências múltiplas. Parafraseando Foucault (2004), os discursos verdadeiros funcionam como regimes de verdade, que provocam efeitos regulares de poder em virtude dos auto-sacrifícios que exigem em nome da “Verdade” e do “Status” que eles concedem aos que são encarregados de enunciá-los. No sistema sexo-gênero, a violência e a honra funcionam, frequentemente, como discursos de verdade constitutivos de uma determinada masculinidade. Apresenta-se, frequentemente, a ideia de força, de revide, de masculinidade ferida e se produz um efeito de difícil negação.

Segundo Butler (2003, p. 19), “o sujeito é uma questão crucial para a política, e, particularmente, para a política feminista”. Isto porque “os sujeitos jurídicos são invariavelmente produzidos por via de práticas de exclusão que não ‘aparecem’, uma vez estabelecida à estrutura jurídica da política” (Butler, 2003, p.19).

Oliveira (1998), ao apresentar seu estudo sobre como transita o tema masculinidade no meio acadêmico, possibilita visualizar alguns posicionamentos. Destaca aspectos das linhas discursivas desenvolvidas acerca do tema. Ele elenca categorias como: o discurso vitimário, que trata do masculino enquanto vítima de um conjunto de fatores sociais e psíquicos, e a masculinidade hegemônica, que é sustentada por alguns autores para dar conta da dinâmica de poder inscrita nas relações de gênero.

Ao analisar relações de gênero, Connell (1995) afirma que, para pensar sobre essas estruturas, é necessário enfatizar que gênero é muito mais do que interações face a face



entre homens e mulheres. A categoria gênero possui influências do Estado, da economia, da família, da sexualidade, e não é apenas nacional, atua também com dimensões internacionais. Gênero é entendido como uma estrutura complexa. Dentro disso, Connell (1995) mostra que diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social. As relações de gênero incluem relações entre homens, que podem expressar relações de dominação, marginalização e cumplicidade também. Assim, uma determinada forma hegemônica de masculinidade é permeada por outras masculinidades.

Nolasco (1995), ao escrever “O mito da masculinidade”, questiona o debate acerca do lugar que os homens ocupam e as tensões que permeiam as masculinidades. Neste sentido, o autor traz para o debate argumentos em torno do conceito masculino como um dilema contemporâneo. Contudo, esta tarefa de renunciar a uma representação de si, composta por responsabilidades de ser o provedor, que agrega múltiplas ilusões de força, virilidade e coragem, sem dúvida é também carregada pelo temor de não corresponder a essa expectativa, que é construída e alicerçada culturalmente.

Para Alves (2005), os estudos de gênero, apesar da abrangência analítica trazida pelo conceito durante muito tempo, focalizaram quase que exclusivamente as mulheres. Em muitos casos, os homens eram pensados a partir de suas relações de poder e hierarquia na sociedade, principalmente em relação às mulheres, sem serem tomados como objeto específico de estudo.

Superação do senso comum: o suas na garantia do atendimento ao homem autor de agressão

No município de Blumenau as ações direcionadas ao atendimento a famílias em situação de violência doméstica e intrafamiliar, em especial aos homens autores de violência, remonta ao ano de 1997, quando a Secretaria Municipal de Assistência Social, da Criança e do Adolescente (SEMASCRI) passa a desenvolver ações junto à Política de Proteção à Mulher, objetivando a construção de espaços para reflexão crítica sobre as relações sociais, com enfoque sobre as questões de gênero.

No ano de 2001 acontece a criação do Programa de Prevenção e Combate a Violência Doméstica e Intrafamiliar (PPCVDI), financiado pelo Fundo Municipal de Assistência Social. Este programa iniciou suas atividades em maio de 2001, através da Lei Municipal nº. 5.825/01.

É importante salientar que a necessidade de iniciar ações específicas ao atendimento do homem autor de agressão, surgiu a partir do interesse da equipe interdisciplinar, especificamente do assistente social da equipe, particularmente com a morte de Tritonha Eliza Mackedans Machado aos 48 anos, ocorrida em 27 de março de 2003. Tritonha Eliza, depois de permanecer por mais de quatro meses na Casa Abrigo devido à situação de violência de gênero, recebeu o comunicado judicial de que o ex-marido fora afastado do lar, e por isso, retornou para casa, sendo assassinada pelo mesmo. Era aproximadamente 22 horas de uma quinta-feira, e Tritonha Eliza, juntamente com os quatro filhos, ao perceberem que o ex-companheiro estava chegando a sua casa, buscou refúgio no terraço, mas ele os encontrou, assassinando-a com quatro facadas na presença dos filhos. Dois dias após o assassinato, o autor entregou-se e foi encaminhado ao presídio da cidade, conforme matéria publicada no Jornal Santa Catarina em 01/04/2003. O crime chocou os habitantes da cidade e municípios vizinhos.

Exatamente 18 dias após o assassinato de Tritonha, no dia 14 de abril de 2003 o autor ingressou na coordenação do PPCVDI. Por causa deste fato, ao ingressar no PPCVDI e ao analisar os registros no prontuário de atendimento da família, constatou-se que durante o período em que Tritonha esteve acolhida, não havia registros de atendimentos realizados ao ex-companheiro, nem mesmo um contato telefônico. Por outro lado, Tritonha havia participado de atendimentos socio-assistenciais, psicológicos e de ações socioeducativas com o grupo de mulheres.



Frente a isso, foi constatado que o PPCVDI não possuía ações direcionadas aos homens. Através deste foco, a equipe iniciou atividades junto aos homens autores de agressão, na perspectiva de possibilitar a criação de um espaço onde os mesmos pudessem trazer à tona seu sentimento, dando-lhes, assim, a oportunidade de ressignificar sua vida, principalmente com relação à convivência com sua companheira, ou ex-companheira, e filhos.

Em abril de 2004, juntamente com a equipe técnica, foi desenvolvida ações socioeducativas com os homens autores de violência atendidos no PPCVDI, por meio de encontros mensais. A equipe entregou convites durante os atendimentos e também por contato telefônico. Nos dois primeiros encontros nenhum homem compareceu.

Redirecionaram-se estratégias e realizaram-se visitas domiciliares em horários noturnos e aos sábados, no sentido de sensibilizá-los e convidá-los a participar do grupo. No terceiro encontro, compareceram dois homens. No quarto, cinco homens e, assim, foi-se constituindo o grupo que, após seis encontros, obteve uma média de 10 a 15 participantes. A partir de 2006, estes encontros passaram a ser quinzenais, com presença média de 12 homens.

Atualmente, na estrutura administrativa da Prefeitura Municipal de Blumenau, este serviço faz parte do SUAS, que, através da Proteção Social Especial - PSE, oferece atendimento às famílias e aos indivíduos em situação de risco pessoal ou social, seja quando seus direitos tenham sido violados ou ameaçados, abrangendo o atendimento a crianças, idosos, população de rua, entre outros. Neste contexto, o PPCVDI hoje está (re) organizado atendendo as exigências do SUAS através do PAEFI vinculado ao CREAS.

Grandes desafios são colocados aos profissionais que atuam no enfrentamento da violência de gênero, pois apesar de ser uma construção social, determinadas concepções estão fortemente enraizadas, sendo que romper com questões culturais requer muita determinação, persistência, mas primordialmente o conhecimento para embasar o planejamento e execução das ações pretendidas, que será o diferencial tanto na atuação do assistente social como no impacto das respostas construídas pela equipe interdisciplinar.

Desvelando quem é esse homem

Em relação ao perfil da idade dos homens participantes das ações socioeducativas nos anos de 2004 a 2012, o maior índice de ocorrência é dos 30 a 40 anos, equivalendo a 41% dos homens; outros 26% têm em média de 41 a 50 anos, 21% têm menos de 30 anos, 9% têm em média de 51 a 60 anos e somente 3% de 61 a 70 anos. Estes números nos permitem afirmar que cerca de 88% são homens jovens que têm menos de 50 anos de idade. Este dado poderia trazer algumas indagações tais como: Será que os homens com menos de cinquenta anos possuem relações mais violentas com suas companheiras? Haveria alguma questão geracional na violência de gênero? Será que tais resultados estariam associados a questões de competição, posse, poder, honra, virilidade, aspectos capazes de gerar inseguranças, medo, baixa autoestima, portanto, violência na relação conjugal?

Nesse sentido, Muszkat (1998), ao desenvolver uma pesquisa com famílias em situação de violência, traz alguns apontamentos e características dos homens que cometem violência. Entre elas, destaca uma forte ligação entre virilidade e violência, onde o domínio e o controle são os meios utilizados pelos homens violentos. Nolasco (1995) argumenta sobre o imaginário masculino e as ideologias de guerra, em que os meninos são estimulados a constituir sua identidade com características de força física e espírito guerreiro, aspectos presentes na visão de mundo masculina, que prega a defesa da sua honra e poder.

Com relação ao estado civil no momento em que estes homens foram atendidos no PAEFI, 112 eram casados ou viviam em união estável, correspondendo a 90%, e 13 deles (o equivalente a 10%) estavam separados. Através deste dado, é plausível afirmar que a violência de gênero ocorre, na sua maioria, com aqueles que estão casados ou vivem em união estável, sendo que ela ocorre em menor escala nos casais que já se separaram.



Assim, ao identificar o percentual de separações após o ingresso da família junto ao serviço, é possível problematizar se a ruptura com a violência estaria, em parte, associada com a ruptura conjugal, pois apenas 55% continuam em união estável, 44% se separaram e 1% ficaram viúvo. Isso traz algumas implicações que permeiam o processo de ruptura com a violência. A separação do casal seria uma forma eficaz de romper com o ciclo da violência? Porque estes homens se manifestam mais violentos em situação de conjugalidade? Eles acreditam que, com outras companheiras, tudo seria diferente? Seria a relação com sua companheira o fator desencadeador da violência?

Dos 125 homens autores de agressão, 79 (63%) são dependentes químicos ou estavam sob o uso de substâncias químicas no momento em que agrediram suas companheiras e 37% não são usuários de SPAs. Este é um dado relevante, pois embora não se possa afirmar que o uso de drogas lícitas ou ilícitas, ou SPAs, seja um fator que gere violência, não é impossível deduzir que o uso destas substâncias possa desencadear formas explícitas de violência de gênero.

Entre as características já descritas a respeito dos homens que agredem suas companheiras, o alcoolismo se faz presente entre os dados relevantes. No Brasil, o primeiro levantamento nacional sobre os padrões de consumo de álcool, realizado pela Secretaria Nacional Antidrogas em 2007, afirma que 52% dos brasileiros acima de 18 anos bebem, pelo menos, uma vez ao ano. Entre os homens, o índice é de 65%, e entre as mulheres 41%. Dos homens, 11% bebe todos os dias e 25% consome bebidas alcoólicas de uma a quatro vezes por semana (Brasil, 2007).

Ao analisar a violência de gênero e a dependência química, não se pode concluir que uma está associada à outra, no entanto, este dado deve ser considerado, tendo em vista que a dependência de álcool é um problema de saúde, e, portanto, deve ser tratado.

As implicações deste problema, com dimensões incalculáveis, devem ser permanentemente discutidas. As relações entre a violência de gênero e o uso não somente de álcool, mas de SPA, é um desafio para a área de saúde, bem como para as esferas políticas e cabe a ambas as áreas o planejamento de medidas protetivas, intervencionistas, ou, ainda, a internação compulsória. A associação entre dependência química e violência de gênero parece abrir precedentes para uma compreensão mais ampla sobre ambas, no entanto, deve-se ter atenção, pois a dependência pode agir como minimizador do ato de violência cometido, assim como limitar as possibilidades de discussão sobre o mesmo (Medrado & Granja, 2009).

Do total dos homens atendidos, 79 são dependentes químicos, 63 (80%) são usuários de álcool, e 7 (9%) são usuários de álcool associado a outras drogas ilícitas, restando 9 (11%) homens que são usuários somente de drogas ilícitas.

A seguir, apresentam-se os dados sobre o tipo de violência cometida por estes homens, conforme relatado nos Boletins de Ocorrência e nos históricos de atendimento da o Abrigo que acolhe mulheres em condição de risco de morte Casa Eliza (educadores) e pelos técnicos (psicólogos e assistentes sociais) do PAEFI. Ao olhar estes dados, deve-se considerar que o relato da violência é produzido em momentos diferentes e por instituições diferentes. Analisar o relato de uma mulher no momento em que ela vai à delegacia, fato que ocorre após a agressão, pode ter características muito particulares em termos de sofrimento, intensidade de linguagens, percepções, raivas, dores, ressentimentos e conteúdos. É um relato muito intenso, com dor e com poucas palavras

Considera-se, ainda, que quem escreve o relato, ou quem recebe o relato, nem sempre o faz com os elementos de complexidade necessários para expressar o sentimento, a dor ou a gravidade do fato, ou seja, de forma objetiva, mas que retrate dados aproximados da narrativa. A acolhida de uma mulher na delegacia é de fundamental importância, já que é ali que se dá início a todos os encaminhamentos jurídicos. Talvez não ocorra, nestes relatos, o espaço do contraditório, da ambiguidade, que são ferramentas de elaboração da dor. Ou, talvez, quem acolhe não tenha complexidade interpretativa para perceber os elementos envolvidos e seus significados complexos.



Os dados demonstram que 80,8% dos homens cometeram violência física e psicológica, sendo que 10,9% destes também praticaram violência sexual contra suas companheiras, isto é, dos 101 homens pesquisados, 11 deles, além da violência física e psicológica, também cometeram violência sexual, lembrando que este dado foi extraído dos históricos de atendimento

Outro dado relevante é que, dos 125 prontuários, houve registro em Boletim de Ocorrência de somente três situações de violência sexual, percentual menor do que o relatado nos históricos de atendimentos, onde 11 casos foram relatados.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os 125 homens de quem foram extraídos os dados são pessoas comuns que transitam em outros territórios, e, muitos deles, possuem o desejo de ser diferente e não ser violento com a esposa, ou ainda com os filhos e parentes. No entanto, fazem parte, ainda, de uma sociedade machista, que os condena se não corresponderem à ordem masculina e forem homens de verdade. Desconstruir esse jeito de ser homem, certamente, é um dos desafios que também simboliza a ruptura com o sentimento de dominação que está presente nas masculinidades violentas.

A violência de gênero está conectada aos valores de construção do sujeito. A ruptura com essa violência está associada à mudança no âmbito das experiências com masculinidades e feminilidades, assim como nas práticas institucionais.

As características destes homens são marcadas por diversos fatores, entre eles o alcoolismo, a sexualidade não correspondida por parte da companheira, a defesa da honra, a falta de cuidado com a casa e filhos por parte da companheira, as agressões verbais por parte de suas companheiras, o abano familiar na infância, entre outros.

Dessa maneira, esta pesquisa contribuiu para conhecer um pouco destas diversas masculinidades presentes no contexto da violência de gênero. O que nos preocupa é a forma como o Estado, através das Políticas Públicas, vem conduzindo o olhar para este fenômeno, muitas vezes ainda de forma binária e dual, reforçando a compreensão que se tem sobre quem é a vítima e quem é o agressor.

Estes modelos de masculinidades violentas agem de certa forma, ancorados por sistemas de valores e significados, sentidos, aos quais estão condicionados não somente a dominação dos homens sobre as mulheres, mas dos homens sobre os homens, das mulheres sobre as mulheres, do homem branco sobre o homem negro, do policial (homem) sob o homem compreendido como agressor, e diversos contextos.

Compreende-se, também, que estas masculinidades violentas estão caracterizadas, muitas vezes, em nome da honra, da virilidade. Este mesmo sistema de valores os coloca em situação de vulnerabilidade, já que os homens são construídos de diversas instituições que, através de uma ordem simbólica, os faz e a eles determina responder a papéis que os legitimam enquanto homens de verdade.

Este trabalho permitiu conhecer, com mais propriedade, de quais agentes se estava falando, já que no município de Blumenau existe um serviço de atendimento que possibilitou visibilizar o perfil dos homens que são atendidos e constituídos enquanto agressores.

Certamente, as repostas para as perguntas deste trabalho precisam ainda ser amadurecidas. O desafio está em instigar cada vez mais o olhar acadêmico para este campo da violência de gênero, considerando as masculinidades. Estudar quem são os homens agressores, como são constituídos, o que pensam e o que sentem são questões que, ao serem temas de estudos, podem contribuir para pensar um outro olhar, que não seja o de simplesmente "agressor", e, assim, possibilitar a este homem re-significar sua interação com as pessoas que o cercam, diminuindo a violência de gênero tão presente nesta sociedade. Este tema é complexo e está atrelado às masculinidades e feminilidades, e, desta maneira, é preciso encontrar formas de enfrentá-lo de modo que repensemos, muitas vezes, nos aspectos da vida cotidiana envolvidos na trama relacional presente no contexto de violência de gênero.



REFERÊNCIAS

- Alves, S. L. B., & Diniz, N. M. F. (2005). Eu digo não, ela diz sim: a violência conjugal no discurso masculino. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 58, (4), 387-392 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v58n4/a02v58n4.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2012.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social; Secretaria Nacional de Assistência Social. *Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social – NOB/SUAS*. 2005.
- _____. Ministério do Desenvolvimento Social; Secretaria Nacional de Assistência Social. *Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social – NOB/SUAS*. 2012.
- _____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. *Política Nacional de Assistência Social PNAS 2004. Norma Operacional Básica NOB SUAS*. Brasília, DF, 2005.
- Brasil, Senado Federal, Conselho Nacional Antidroga. (2007). *I Levantamento Nacional sobre os Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira*, Disponível em: <<http://www.senado.gov.br>> Acesso em: 1 out. 2012.
- Bourdieu, P. (1996). *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus.
- _____. (2010). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Connell, R. W. (1995). Políticas da Masculinidade. *Educação e Realidade*, 20, (2), 185-206.
- Debert, G. G. (2006). As Delegacias de Defesa da Mulher: judicialização das relações sociais ou politização da justiça In M. CORRÊA,; É. R. SOUZA, . *Vida em família: uma perspectiva comparativa sobre crimes de honra*. Campinas, UNICAMP, pp. 15-64.
- Foucault, M.(2004). *Microfísica do poder*. 20. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. (2006). *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Gutmann, M. (2009). O fetiche totêmico da sexualidade masculina: Oito erros comuns. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 24(69), 5-20.
- Gregori, M. F.. (1993). *Cenas e queixas: Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. São Paulo: Paz e Terra.
- Grossi, M. P. (1991). “Vítimas ou Cúmplices? Dos Diferentes Caminhos da Produção Acadêmica sobre Violência contra a Mulher no Brasil”. Encontro Anual Da Anpocs, 15, 1991, Caxambu.
- Izumino, W. P.; & Santos, C. M.. (2005). Violência Contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y El Caribe*. Disponível em: <<http://www.nevusp.org/downloads/down083.pdf>>. Acesso em: 12 de Nov. 2009.



Machado, L. Z.; & Magalhães, M. T. B. (1998). *Violência Conjugal: os espelhos e as marcas*. Brasília: EDUnB: Ed. Paralelo 15. Disponível em:
<<http://www.alexandracaracol.com/Ficheiros/violencia%20domestica.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2012.

Medrado, B.; & Granja, E. (2009). Homens, violência de gênero e atenção integral em saúde. *Revista Psicologia & Sociedade*, 21(1), 25-34.

Muszkat, M. E. (org.). (1998). Violência de gênero e paternidade. In M. ARILHA,; S. Ridenti, ; B. Medrado. *Homens e masculinidades: Outras palavras*. São Paulo: ECOS/Editora 34, pp. 215-233

Nolasco, S. (2001). *De Tarzan a Homer Simpson: Banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco.

Nolasco, S.(1995). *O mito da Masculinidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Rocco.

Oliveira, P. P. (1998). Discursos sobre a masculinidade. *Estudos Feministas*, 6, (1).

Saffioti, H. I. B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Stoller, R. (1978). *Recherchessur l'IdentitéSexuelle*. Paris: Gallimard.